

MEMÓRIAS LIBERADAS

Autor: Devyson Carvalho Duarte Pereira

Campo: DDSE

Eixo Temático: 5 - Memória e História da Educação

Ano de 1964, ano de radicalizações, inversões de papéis¹ (tanto pela esquerda quanto pela direita), a história do Brasil seria duramente reescrita em uma folha escura ditada por um golpe militar; um balde de água fria nas esperanças e expectativas das vontades populares, cujas feridas ainda não cicatrizaram de vez.

Foram anos difíceis, a ditadura engrossara, a esquerda respondia com a luta armada, AI-5, UNE, censuras, exílios, Chico, Caetano e Vandré, todos caminhando e cantando ao som das cornetas e sob os olhos dos generais. A educação, por sua vez, correspondia (como projeto de um determinado governo) ao seu papel histórico de subserviência aos interesses da classe dominante e das elites, servindo, sobretudo, como um instrumento ideológico na divulgação de seus valores. Não cabe aqui tratar o termo ideologia por uma definição única e “fechada”, pelo fato de que ele possui toda uma série de significados convenientes, nem todos compatíveis entre si. Entretanto e, considerando o momento histórico em questão (ditadura militar), podemos encarar ideologia como um “corpo de representações de um determinado grupo ou classes sociais”², lançando mão de símbolos que ajudam a legitimar um poder político dominante; em que se pretende estabelecer um sentimento de identidade, e onde as conjunturas de discurso e poder, argumentadas pelas construções arbitrárias de certas memórias, vão ser utilizadas como um veículo pelo qual os atores sociais conscientes entendem o seu mundo, criando, de certa forma, uma ilusão socialmente necessária, ou seja, um paradigma social compartilhado entre membros de uma sociedade, necessário para a manutenção e organização da mesma³; fazendo com que aquela sociedade acreditasse e necessitasse da manutenção da ideologia do regime ditatorial. Tudo isso, graças à veiculação e cristalização de uma memória coletiva que visava, sem tê-la obtido, a homogeneidade controlável de todos os cidadãos.

Sendo assim, é de grande relevância as memórias que foram criadas (sobre a ditadura militar) nos livros didáticos de História em um momento pós-ditadura. Como os historiadores

¹ REIS, Daniel Aarão. “Ditadura e sociedade: as reconstruções de memória”. In: REIS, Daniel Aarão, RIDENTI, Marcelo, MOTTA, Rodrigo Patto Sá (orgs.). *O Golpe e a ditadura militar: quarenta anos depois (1964-2004)*. Bauru, SP: Edusc, 2004. Capítulo 2: p. 29-52.

² EAGLETON, Terry. *Ideologia*. São Paulo: UNESP, 1997. Capítulo 1: p.15

³ KUHN, Thomas S. “A Estrutura das Revoluções Científicas”. 8ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1970. p.221.

e educadores estão pensando a História neste momento, quais são agora os novos lugares de memória⁴, os debates metodológicos; como as produções acadêmicas vão influenciar as produções de tais livros, a conveniência do método estruturalista, o retorno da luta de classes e dos heróis em certos momentos esquecidos, a volta de Marx, a entrada das narrativas multifocais ou polifônicas⁵, as iconoclastias, a preferência pelo conflito, a memória nacional coletiva (com suas vinganças e revisões), enfim, a proposta de uma nova ortodoxia (marxista). Ou seja, tomar as formações de memórias nos livros didáticos de História pós-ditadura militar, resgatando a memória deste período, como sendo um problema epistemológico, histórico e de grande relevância para o estudo da Educação.

Considero que o tempo pós-ditadura foi o momento no qual começavam a se travar novas “batalhas de memórias” (já iniciadas em 1964); e a questão levantada é justamente qual a participação dos livros didáticos de História dentro desta “batalha”. Entender como e por que tais livros passaram a desqualificar determinadas memórias (criadas pelos militares) e a privilegiar tantas outras, que até então insistiam em sobreviver no subterrâneo das lembranças, na clandestinidade das palavras e nas publicações “não autorizadas”. Compreender, contudo, como a inclusão de determinadas memórias, antes vistas como alternativas e sutis, já que burlavam os olhos cegos da censura e discordavam quanto à memória “oficial” da gênese e consolidação da própria ditadura, puderam contribuir para o projeto de construção de uma sociedade e de uma educação mais democráticas.

Entender como a história do Brasil presente nos livros didáticos, reescrita pelos militares nos “anos de chumbo”, foi novamente reescrita ao longo da década de 80 por novos autores, entusiastas e críticos do novo regime democrático que se anunciava; havendo inclusive a necessidade de se identificar os primeiros livros, com seus respectivos autores, que trataram do tema ditadura militar, e junto a isso, refletir sobre as abordagens de tais livros em relação a própria ditadura. Analisa-se como figuras militares, antes lembradas com grande saudosismo e admiração, foram substituídas por novos agentes históricos e, principalmente, como e a partir de quando os anos de ditadura militar vão ser lembrados. Como os movimentos populares, antes estigmatizados como subversivos, exemplos de atitudes anti-patrióticas dignas de serem combatidas, passaram a ser vistos e encarados sob um prisma de valorização e importância. Compreender como a luta de classes, e tudo que cheirasse a

⁴ NORA, Pierre. “Entre Memória e história: A Problemática dos lugares”. In: *Projeto História*. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História. São Paulo: PUC/SP, dezembro/93. P. 1-178

⁵ BURKE, Peter. “Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro”. In BURKE, Peter (org.). *A Escrita da História. Novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.

marxismo, que em um momento anterior foram impiedosamente abolidos pelos militares, agora seriam reutilizados por uma gama de autores que, além de ressuscitar Marx, passariam a enxergar na luta armada um símbolo de resistência contra a própria ditadura. Entender quais e o porquê de alguns heróis terem sido reinventados, enquanto outros assassinados sem muita cerimônia. E assim, nesta dança sem passo nem ritmo, analisar como os livros didáticos de história, planejados, estruturados e fiscalizados pelas mentes e olhos dos militares, cujo objetivo era a formação de uma sociedade que se encaixasse nos moldes previamente pensados por eles e por seus interesses, passaram por grandes revoluções metodológica, estrutural e pedagógica.

Também levo em consideração, como estes livros participariam e contribuiriam para a abertura lenta e gradual do regime, onde o povo voltaria a respirar ares mais democráticos e menos sufocantes. Compreender como tais livros vão encarar o fato da ditadura militar estar ruindo e junto com ela suas ideologias e memórias. A História daquele momento teria que ser escrita e toda a História do Brasil escrita novamente. Os livros didáticos se depararam com um novo desafio: o de formar novas gerações; agora com liberdade. O que escolher? Que memórias construir? O que negar? Quais as conseqüências para o campo da educação? São respostas que ainda não foram respondidas por nossa historiografia nem pensadas pelo campo da educação.

A principal fonte utilizada é a produção de livros didáticos de História feitos em meados da década de 1980, e voltados preferencialmente a alunos do ensino médio (antigo 2º grau). Além disso, os conjuntos documentais da produção de livros de História que foram ativamente utilizados tanto por escolas públicas quanto por escolas privadas nas décadas de 1980 estão organizados (grande parte deles) em bancos de dados.

Outro conjunto documental utilizado, é basicamente um conjunto de livros paradidáticos produzidos na década de 1980, em sua maioria, reunidos e disponíveis ao público em dezenas de bibliotecas públicas e privadas nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo.

Palavras-Chave: memória / livro-didático / pós-ditadura